

, ao leitor deste *Clarice Lispector apesar de* – pesquisa acadêmica que se volta a *Uma aprendizagem* ou *O livro dos prazeres* (1969) – são oferecidas páginas valorosas sobre a poética da autora ucraniana que confiou à língua portuguesa uma tensão excepcional. Se hoje parece desnecessário erigir argumentos comprobatórios da grandiosidade de Lispector, o mesmo não ocorre quando a tarefa consiste em identificar e examinar os predicados do romance do qual emergem Loreley e Ulisses como par amoroso. Este é justamente o desafio crítico e analítico de Thiago Cavalcante Jeronimo: formular *provas* que contestem o “insucesso” dessa narrativa, em contraposição ao olhar de estudiosos cujas vozes expressam frustração e desabono ao romance que difere em densidade de seus precedentes, a exemplo de *Perto do coração selvagem* (1943) e *A paixão segundo G.H.* (1964); somem-se a isso o arrefecimento da turbulência que traduz o mundo interior da protagonista e o ponto de vista da própria autora, anotado em carta de janeiro de 1969 e endereçado ao filho Paulo Gurgel Valente, às vésperas do envio dos originais à Editora Sabiá: “Se o livro é bom? Eu acho ele detestável e malfeito: mas as pessoas que o leram acham-no bom.” O ensaio, ao estabelecer outra via de leitura, afiança que tanto os clichês quanto a presença do elemento *kitsch* na estrutura da obra, em consonância com folhetins cor-de-rosa escritos para mocinhas, respondem à intenção paródica do projeto ficcional de Clarice Lispector (afora uma antecipação do idílio dos anti-heróis Olímpico de Jesus e Macabéa em *A hora da estrela* [1977]). Os lúcidos e contundentes apontamentos careceriam de efeito, não fosse a comunhão do repertório com o rigor investigativo manifestos em *Clarice Lispector apesar de*. Ou seja: a incursão criteriosa pela fortuna crítica de *Uma aprendizagem...*; a aproximação entre Lóri e outras protagonistas femininas da escritora – é o caso de Joana e G.H.; os postulados teórico-críticos revisitados em articulação com a prosa romanesca estudada: o *Bildungsroman* (romance de formação), os conceitos bakhtinianos de *síncrese*, *anácrise* e *diálogo no limiar*; os paratextos (as epígrafes dos versos de Augusto dos Anjos e de Paul Claudel, e a bíblica: registros de *borda*), resultando em diálogos com a obra de Clarice que opera uma pontuação nada convencional; por fim, o *corpo*, performaticamente tratado pela óptica mítica, arquetípica, reconhecido em seus estágios de mutação, a apontar para Narciso, bem como para uma natureza que espelha certo desejo revelador da ligação ambígua entre Lóri (a professora do curso primário, não uma sereia) e Ulisses (professor de filosofia, não o herói da epopeia grega). A esse inventário rico, intrincado e sedutor acena, de fato, o texto de Thiago:

Ricardo Iannace

Universidade de São Paulo – USP